

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

MARIA MADALENA
Uma vitimização de subalternidade e preconceito

Joelma Nascimento de Oliveira

Duque de Caxias – RJ
2018

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

MARIA MADALENA
Uma vitimização da subalternidade e preconceito

Joelma Nascimento de Oliveira

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Professor orientador: Prof. Antonio Lucio Avellar Santos

Duque de Caxias – RJ
2018

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

Joelma Nascimento de Oliveira

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Trabalho considerado _____ com nota _____.

Professor Orientador: Prof. Antonio Lucio Avellar Santos

UNIGRANRIO

Professor examinador: Marcio Simão de Vasconcellos

UNIGRANRIO

Professor examinador: Marcos Porto

UNIGRANRIO

Duque de Caxias – RJ
2018

RESUMO

A proposta deste artigo é abordar a figura feminina de Maria Madalena e navegar pelo viés de sua história e do turbulento começo da Fé Cristã. Este estudo objetiva identificar suas especificidades e seus pontos, bem como analisar o feminino subalterno por meio de metodologia e por revisões bibliográficas das teorias feministas. Utilizando conceitos importantes como gênero, como a mulher é percebida e desconstruída à luz de autores como Nogueira (2000), Leloup (2004), Moro (2005), buscando refletir sobre a identidade feminina e nos atributos como crença, religião, sexo e violência presentes na história de Maria Madalena. Constatou-se que apesar dos avanços sociais, a mulher ainda tem a sua imagem constantemente ligada a situações de subalternidade e preconceito.

Palavras-chave: Maria Madalena; Imagem da Mulher; Cristianismo; Preconceito.

ABSTRACT

The purpose of this article is to address the female figure of Mary Magdalene and navigate the bias of her story and the turbulent beginning of the Christian Faith. This study aims to identify its specificities and its points, as well as to analyze the feminine subaltern by means of methodology and by bibliographical revisions of the feminist theories. Using important concepts such as gender, how women are perceived and deconstructed in the light of authors such as Nogueira (2000), Leloup (2004), Moro (2005), seeking to reflect on women's identity and attributes such as belief, religion, sex and violence present in the history of Mary Magdalene. It was found that despite the social advances, women still have their image constantly linked to situations of subalternity and prejudice.

Keywords: Mary Magdalene; Woman's Image; Christianity; Prejudice.

Introdução

Para entender o lugar da mulher nos contextos sociais, desde a sociedade mais antiga até os dias atuais, há de se percorrer e conhecer a história da mulher. As mulheres sempre sofreram discriminação, foram marginalizadas e tratadas com um certo preconceito pela sociedade. Todas as histórias antigas que conhecemos sobre as mulheres foram narradas por homens. Deste a antiguidade as mulheres eram indiferentes, não tinham direito de opinar em certos assuntos, as mulheres não podiam participar da vida social do homem.

Naquela época os homens dedicavam-se ao trabalho e a vida pública. A luta das mulheres para conquistar seu espaço na história não é recente, essa batalha pelos seus direitos já dura há séculos. A sociedade rotulou a mulher como um ser frágil, que veio com um único propósito de dar continuidade a raça humana. Era notório a desigualdade

imposta sobre as mulheres naquela época, uma imagem totalmente diferente do que Deus pensa sobre as mulheres, “o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus¹”. A mulher é importante no plano do criador.

Assim, a partir desta perspectiva, vamos navegar pelo viés da imagem da mulher e a figura de Maria Madalena, da sua história e do turbulento começo da Fé Cristã. Tendo como objetivos: identificar suas especificidades e seus pontos misteriosos e secretos e as injustiças que ela sofreu na época; analisar a imagem da Mulher a partir do olhar evangélico e da sociedade, abordando conceitos importantes como o gênero, a percepção da mulher e a desconstrução de sua face; refletir sobre a identidade feminina nos atributos como crença, religião, sexo e violência.

Maria Madalena era uma mulher comum e muito simples, que com suas atitudes mostrou ser uma mulher à frente do seu tempo. Suas atitudes demonstravam que seu amor por Jesus estava acima de qualquer tradição cultural onde mulheres eram colocadas em segundo plano naquela época.

Em outras palavras, uma das formas de entender o lugar da mulher na sociedade é conhecendo sua identidade, o grupo social e a construção de sua sexualidade ao longo da história e a realidade atual e da evolução da mulher até o presente momento. É o que veremos a seguir.

A imagem da mulher na sociedade

O diálogo entre a imagem da mulher e a figura de Maria Madalena significa apresentar fatos pertinentes e perspectivas que buscam refletir sobre o mundo contemporâneo. A importância da figura da mulher e o seu papel desde a época antiga até o momento atual reflete na imagem feminina que temos hoje em nossa sociedade. A história da mulher sempre foi turbulenta, cheias de tensões e contradições que se estabelecem em diferentes momentos, épocas, tempos e sociedades. É fundamental compreender a história da mulher no contexto geral, que inclui tudo que envolve o ser humano, as transformações da cultura e as mudanças de ideias, suas realizações e derrotas.

Desde as sociedades mais antigas com influência grega no Ocidente, as mulheres foram tratadas com inferioridade, marginalizadas e postas em posições mais baixas que

¹ Cf., livro de Gênesis, cap. 1, versos 27-28. BÍBLIA Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

os homens. Era como aberração ou um ser incompleto, incapaz, frágil. É como se a mulher não tivesse direito e a capacidade de pensar e se expressar na sociedade. Ao observarmos cuidadosamente, é possível notar que a mulher sempre esteve abaixo do homem, desde a sua criação, quando Adão e Eva viviam no Jardim do Éden, quando Eva come o fruto do pecado e, segundo os relatos bíblicos, tentou Adão².

Ao percorrer o olhar pela trajetória da mulher ao longo dos anos, podemos comprovar que, ao chegar ao período colonial, a mulher é vista como uma propriedade, assim como os escravos. Ela era primeira propriedade de seu pai, que realizava transações comerciais através dos casamentos arranjados para suas filhas. E, depois, passa a ser propriedade de seu marido, que a tinha como objeto “decorativo”, cuja a obrigação era ser uma boa dona-de-casa, gerar filhos (e principalmente filhos homens) cumprindo assim com a sua responsabilidade de procriar e de se tornar mãe. Era dispensável todo e qualquer conhecimento e cultura para que elas não contestassem a condição de submissão e subalternação na qual eram submetidas.

Diferentemente das sociedades mais antigas, hoje as mulheres estão ganhando cada vez mais espaço na contemporaneidade. Porém, ainda há muito caminho a ser percorrido para de fato alcançar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, já que historicamente a sociedade foi constituída com privilégios e vantagens para o sexo masculino.

Os primeiros sinais de mudança no papel social da mulher começou a surgir com a Revolução Industrial³. A necessidade de mão de obra fez com que muitas mulheres tivessem uma jornada dupla, trabalhando nas fábricas e sendo donas de casa. Mas, é importante considerar que isto não foi o suficiente para modificar a imagem da mulher na sociedade. Ao assumir dupla função, pode-se concluir que a figura da esposa que servia ao seu marido e aos filhos ainda era visto como a função principal da mulher.

Após a metade do século XX, o movimento *Hippie*⁴ potencializa essas mudanças e, a partir da década de 1960, as ideias de “amor” e de “ser dono de seu próprio corpo”, dentre tantas outras, começam a modificar de fato a acultura tradicional e as mulheres ganham mais autonomia. As mulheres passam a trabalhar fora com menos julgamento, passam também a escolher seus companheiros dentre outras conquistas.

² Referência a passagem da Bíblia Sagrada sobre a desobediência de Adão e Eva à Deus – Gênesis, cap. 3, versos 1-24. BÍBLIA Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

³ A Revolução Industrial foi a transição para novos processos de manufatura no período entre 1760 a algum momento entre 1820 e 1840.

⁴ O movimento *hippie* foi um comportamento coletivo de contracultura dos anos 1960.

A Revolução Tecnológica⁵ trouxe ainda mais liberdade para a mulher da sociedade contemporânea. Ao entrarmos na era do conhecimento, a força física e o trabalho braçal deixam de preconizados e o conhecimento passa a ocupar este papel. Então, as mulheres passam a estudar mais e começam a ocupar cargos de liderança.

Apesar dos avanços sociais, ainda é muito comum que a mulher seja entendida como se tivesse uma capacidade limitada quando comparada aos homens, pois em vários espaços sociais as mulheres ainda são inferiorizadas.

A cultura histórica de subalternização da figura feminina ainda permanece enraizada em nossos hábitos, costumes e valores. O preconceito e a violência contra a mulher ainda presente em nossos dias e comprovam que a figura feminina ainda é vista por muitos como um objeto ou propriedade pertencente a alguém, algo que possui dono.

Juntamente com os avanços sociais dos tempos atuais, nota-se ainda um resquício cultural onde a mulher ainda continua sendo vista e tratada como um ser inferior aos homens. Ao acumularem diversos papéis e responsabilidades dentro do contexto familiar e fora deste e, em muitos casos, assumindo total responsabilidade nas despesas domésticas, ainda não é possível notar uma divisão mais justa com a figura masculina das tarefas que envolvem a família.

Vitimização da subalternidade e preconceito na história de Maria Madalena

A história de Maria Madalena, uma das personagens mais conhecidas, é contada no Novo Testamento como umas das discípulas mais dedicadas a Jesus. A primeira aparição desta mulher acontece no evangelho de Lucas, no capítulo 8 onde ele narra sobre as mulheres que seguiam Jesus, nos versos 1 ao 3:

Depois disso Jesus ia passando pelas cidades e povoados proclamando as boas novas do Reino de Deus. Os Doze estavam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, de quem haviam saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, administrador da casa de Herodes; Susana e muitas outras. Essas mulheres ajudavam a sustentá-los com os seus bens⁶.

Maria Madalena pertencia a *Migdal Nunayah*, *Tariquea* (em grego), que representava um povoado pequeno próximo ao lago da Galileia, a 5,5 km ao norte de Tiberíades. O versículo acima conta que Maria Madalena, Joana e Susana foram curadas

⁵ A Revolução Tecnológica surgiu com a invenção do computador, fax, engenharia genética e celular, entre outras inovações.

⁶ Cf., evangelho de Lucas, cap. 8, versos 1-3. BÍBLIA Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

de espíritos malignos e enfermidades por Jesus. Porém, só no caso de Maria Madalena os espíritos malignos foram entendidos como sinônimo de prostituição.

Jean Yves Leloup em seu romance “Maria Madalena – uma mulher incomparável” (2004), aponta que estes sete demônios poderiam ser considerados obstáculos (*shatan* em hebraico) para uma vida plena, podendo ser identificados como: cólera, gula ou bulimia, estupidez, orgulho, lassidão, tristeza, irascibilidade⁷. Cabe aqui ressaltar que no tempo de Jesus as doenças mentais eram tidas como caso de possessão maligna.

Em concordância com o argumento exposto acima, na obra “O Diabo no imaginário cristão” (2000), o autor Carlos Roberto Nogueira explica que:

Sob a ordem de seu mestre, os demônios se ‘apossavam’ igualmente dos indivíduos, provocando problemas como a epilepsia, a paralisia histérica, ou ainda, o entorpecimento dos corpos. Nessa ordem de ideias, os milagres de Cristo – que consistiam, em sua maior parte, precisamente na cura desse gênero de problemas – eram considerados como medidas enfraquecedoras do poder de Satã, cada milagre abrindo uma espécie de brecha na autoridade maligna⁸.

Pode-se constatar que quem está possuído não é dono de si e, portanto, não pode pecar, uma vez que só quem é livre pode de fato cometer pecados. Diferente do caso de Maria Madalena, pois ao estar possuída, ela não era dona de seus atos. Considerando o fato de Maria Madalena estar possuída por espíritos malignos, logo ela não poderia ser considerada meretriz, uma vez que não respondia por si.

O evangelista Lucas, no trecho citado acima e Marcos no capítulo 16, versículo 9 diz: “Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios.” Nota-se que ambos fazem questão de reafirmar a condição de pecadora e possuída por demônios, na qual Jesus encontrara esta mulher. A insistência no passado de Maria Madalena é notória.

Retornando ao livro de Lucas, capítulo 7, versículos 37-39, temos o relato da pecadora que ungiu os pés de Jesus, veja:

E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhos com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os pés, e ungia-lhos com o unguento. Quando isto viu o fariseu

⁷ Cf., qualidade de irascível, que não pode dominar a própria ira. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Positivo, 2018.

⁸ Cf. NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**, p. 27.

que o tinha convidado, falava consigo, dizendo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é uma pecadora⁹.

Para sociedade patriarcal e machista daquela época, o que aquela mulher fez foi um verdadeiro escândalo. Mesmo o texto bíblico não deixando claro qual foi o tipo de pecado cometido e nem quem era aquela mulher, logo a rotularam de adúltera e associaram-na a Maria Madalena. Esta mulher que foi chamada de pecadora, que não teve o seu nome revelado e ungiu os pés de Jesus não era Maria Madalena. Se tratando do primeiro século, se uma mulher apenas conversasse com outro homem que não fosse seu marido ela já era considerada uma pecadora. Em muitas histórias relatadas nos evangelhos homens são perdoados de seus pecados e, mesmo não deixando claro qual era o tipo de pecado cometido, eles não foram considerados prostitutas. É importante salientar que a única cena em que Maria Madalena aparece abraçada aos pés de Jesus foi relatada por Mateus, no capítulo 28, nos versículos 1 ao 9, observe:

Ao findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro [...] E eis que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram.

Esta cena não é a mesma cena da unção, mas sim da ressurreição, onde Maria Madalena não estava sozinha. Ela estava acompanhada por outra mulher e as duas abraçaram os pés de Jesus e o adoraram, sem perfume e beijos como é relatado no episódio da unção.

A vida de Jesus está descrita nos evangelhos¹⁰ que foram escritos entre os anos 70 e 90. As cópias mais antigas são chamadas de códice *Vaticanus* e códice *Sinaiticus* e não há originais destes livros. Através de análises científicas, foi descoberto que esses códices foram encontrados em 1859 e datados como pertencentes ao século IV. A cultura e as tradições que antecedem a escrita dos evangelhos certamente alterou os relatos destes livros e, inclusive as histórias das mulheres que seguiam Jesus já sofreram várias alterações pelas narrativas orais. No livro “Arqueologia de Madalena (2005)”, a autora Fernanda de Camargo Moro afirma que já é sabido que os evangelhos não são obras de primeira mão e isto significa que esses textos que hoje lemos não chegaram até nós sem retoques ou acréscimos. Portanto, muitas alterações foram feitas conforme as edições foram sendo atualizadas¹¹.

⁹ Cf., evangelho de Mateus, cap. 28, versos 1-9. BÍBLIA Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

¹⁰ Os Evangelhos correspondem aos livros de Lucas, Marcos, Mateus e João.

¹¹ MORO, Fernanda de Camargo. **Arqueología de Madalena**, p. 85.

Vale lembrar que as histórias dessas mulheres já chegaram alteradas até nós. Apesar do androcentrismo dos evangelistas, muitas mulheres estão presentes durante a vida de Jesus na Terra. De acordo com os relatos presentes nos evangelhos, Jesus viveu rodeado de mulheres que o seguiam, lhes concedendo importantes papéis, indo contra o machismo presente naquela época. Maria (mãe de Jesus), Maria Madalena, Joana, Suzana, Maria (irmã de Marta), a samaritana e a mulher cananeia e tantas outras curadas por ele são alguns exemplos de como as mulheres se tornaram suas fiéis seguidoras e ganharam destaque em sua passagem como homem terreno.

Em 591, no Sermão da Páscoa realizado pelo Papa Gregório, foi o momento em que aconteceu o grande erro de interpretação na história de Maria Madalena. O Papa Gregório anunciou que Maria Madalena (a pecadora) e Maria Betânia¹² eram uma só, ao adjetivar a pecadora de Lucas (capítulo 8) como prostituta, confundindo-a com Maria Betânia, cuja libertação e conversão é narrada no capítulo 7 do livro de Lucas. Nasceu desta interpretação errônea a ideia de que Maria Madalena era prostituta e a isto foi acrescentada a história da mulher que quase foi apedrejada por adultério salva por Jesus em frente ao templo, relatado no livro de João (capítulo 8, nos versos 1-11):

Jesus, porém, foi para o Monte das Oliveiras. E pela manhã cedo tornou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e, assentando-se, os ensinava. E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando. E na lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes? Isto diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra. E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se e disse-lhes: Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela¹³.

Como se pode verificar no trecho acima, em nenhum momento o nome desta mulher pega em adultério é revelado. O fato interessante desta história é que é a primeira e única vez que Jesus aparece escrevendo e ele o faz diante de uma mulher condenada por adultério e pecadora. O que foi escrito na areia só ele e aquela mulher sabem e mais ninguém. Diante deste fato, ficam algumas perguntas: Onde estavam os homens adúlteros daquela época? Por que o homem pego em adultério junto com essa mulher não é mencionado nos trechos bíblicos? Por que só a história de uma mulher condenada por adultério é relatada pelos evangelistas?

¹² Esta mulher pecadora de Lucas 7 foi identificada pelo Evangelista João (11:2) como Maria de Betânia, irmã de Lázaro.

¹³ Cf., evangelho de João, cap. 8, versos 1-11. BÍBLIA Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

Então, a biografia de Maria Madalena que sofria de doenças psicossomáticas no texto de Lucas, foram acrescentadas a história de uma mulher denominada pecadora que com toda a sua feminilidade (lágrimas, perfume e cabelos soltos) ungiu os pés de Jesus, motivando a interpretarem o seu pecado como prostituição, mais a soma do episódio do quase apedrejamento de uma mulher adúltera salva por Jesus cujo nome nem é citado no texto de João. A confusão feita sobre a síntese de três biografias diferentes de mulheres formara o tríptico perfil e imagem sobre Maria Madalena: endemoninhada, pecadora e prostituta que permanece há vários séculos. Ao misturar as histórias de mulheres diferentes a uma só pessoa, foi criada uma falsa história sobre a sexualidade de Maria Madalena. E ao ter sua imagem totalmente confundida e distorcida, torna este um dos casos de erro mais exagerado causados pela interpretação teológica.

Segundo Moro (2005), em sua obra intitulada “Arqueologia de Madalena”:

Por essa má interpretação de textos, muitas vezes decorrentes de traduções incorretas, sua imagem foi sendo formada ao longo dos séculos como mulher pecadora, alguns até chegaram a julgá-la como prostituta que foi purificada por Cristo e que, como prova de seu amor espiritual, lavou os pés do Senhor e os enxugou como os próprios cabelos. Considerada mulher cheia de pecados, Madalena passou a representar o arquétipo feminino tradicional, a transmissora do pecado original, que, após ser curada, teria passado a sua vida em penitência e arrependimento. Assim uma das mais importantes figuras femininas dos Evangelhos teve seu papel adulterado, o significado de sua presença e de sua obra inteiramente modificados¹⁴.

A associação errônea de uma vida pecaminosa criou um cenário fantasioso onde Maria Madalena de tão pecadora se vitimiza ao implorar o perdão e, na busca para se redimir dos seus pecados teria lavado os pés de Jesus com perfume, regado de suas lágrimas e enxugado com os seus cabelos. Ao contrário de muitas mulheres citadas nos evangelhos, ela é uma das únicas mulheres que tem o seu sobrenome *Magdala* mencionado, para diferenciá-la das demais. A partir disso, podemos entender que Madalena poderia ser uma mulher solteira ou viúva, que tinha posses, já que segundo Lucas ela o seguia com os seus bens.

Como já mencionado neste estudo, é importante recordar que ela foi a primeira testemunha da ressurreição de Jesus, relatado no livro de João, no capítulo 20, nos versos 14 a 18:

Tendo disto isto, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus. Perguntou-lhe Jesus: Mulher, porque choras? A quem procuras? Ela, supondo ser ele o

¹⁴ Cf., “modificados” - o mesmo que “alterar”, “dar forma nova a” algo. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Positivo, 2018. MORO, Fernanda de Camargo. **Arqueología de Madalena**, p. 54.

jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o pusestes, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela voltando-se, lhe disse em hebraico: Raboni (que quer dizer Mestre)! Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos... Então, saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor! E contava que lhe ele lhe dissera estas coisas¹⁵.

No livro de Marcos, capítulo 16, no verso 10, ele esclarece que enquanto Maria Madalena vigiava o sepulcro onde estava o corpo de Jesus, esperando para untá-lo conforme as tradições daquela época, os discípulos estavam chorosos e tristes longe dali. Diante os registros encontrados sobre a história de Jesus na Terra, nos momentos difíceis da vida de Cristo, as mulheres foram mais fiéis a ele do que os homens que o seguiam. O foco desta pesquisa não é exaltar o feminino presente nos evangelhos, mas deixar claro os fatos relatados nestes livros.

Maria Madalena foi uma das discípulas mais importantes que seguia os preceitos ensinados por Jesus, foi a primeira a vê-lo após a ressurreição e a transmissora da Boa Nova aos demais Apóstolos de Cristo. Várias obras citadas ao longo desta pesquisa afirmam que Maria Madalena de fato foi a discípula amada de Jesus, não tendo sido reconhecida como tal por puro preconceito por ser mulher. Para a mentalidade patriarcal e conservadora daquela época jamais uma mulher poderia ocupar este lugar, sendo dado a João.

Percebe-se que, ao longo da biografia da vida de Maria Madalena, é criado uma imagem de subalternidade e preconceito, onde a junção de interpretações errôneas leva a chamá-la constantemente de pecadora e prostituta. Associando-a a alguém que não teve destaque na passagem de Jesus, como se fosse uma personagem secundária, quando na verdade, os textos dos evangelhos analisados cuidadosamente, sem a interferência de discursos cheios de confusão e má intensão nos mostram uma outra mulher.

Conclusão

A reflexão crítica que buscamos construir neste artigo baseou-se em diversas obras consultadas e citadas ao longo deste texto. A imagem da mulher sempre esteve ligada a uma figura subalterna, frágil e cercada de preconceitos construídos culturalmente no decorrer dos anos. Como se pode observar, a mulher não tinha voz desde o período da escravidão, onde ao nascer ela pertencia ao seu pai que ao casá-la

¹⁵ Cf., evangelho de João, cap. 20, versos 14-18. BÍBLIA Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

através de arranjos de negócios, era como se transferisse a sua propriedade ao seu marido.

Quando analisamos a biografia de Maria Madalena, é possível identificar uma sociedade totalmente patriarcal, onde essa mulher foi colocada como “coadjuvante” da história de Jesus, mesmo que ela tenha sido a primeira testemunha da ressurreição do Mestre, sua fiel discípula e seguidora. Neste momento, fica claro o preconceito pela figura da mulher. O fato de Jesus tratar as mulheres que o seguiam com igualdade causava bastante estranheza até em seus discípulos.

Ao destacá-la nos evangelhos como mulher pecadora, prostituta e endemoninhada, é como se Madalena não fosse digna de receber a libertação dos espíritos malignos que a atormentavam e nem de ser seguidora de Jesus. Contudo, a confusão de interpretação teológica do Papa Gregório ao juntar mais dois episódios diferentes a história de Maria Madalena construiu uma imagem exacerbada desta mulher. E, este equívoco já se perpetua por mais de dois mil anos. Ainda hoje, para o imaginário coletivo, ela permanece como a pecadora penitente e arrependida.

O preconceito culturalmente estabelecido foi suficientemente o bastante para a ligação da imagem feminina ao adultério, vitimização e subalternidade mesmo quando os pecados não foram revelados no texto bíblico. Erros de entendimento como o caso de Madalena permanecem até os dias atuais. Conclui-se que ainda hoje as mulheres constantemente são tratadas como figuras de menor importância, como se fossem objetos que pertencem ao homem (nos casos de violência) e com menor capacidade. Apesar dos muitos avanços sociais, a figura feminina ainda precisará percorrer um longo caminho em busca da igualdade com a qual as mulheres foram tratadas por Jesus.

Referências Bibliográficas

AMBROSIO, Bianca de Souza. **A marginalização da mulher na sociedade atual**. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos – Anais do VII CBG, 2014, disponível em: http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404310564_ARQUIVO_EDPCBG-Amarginalizacaodamulhernasociedadeatual.pdf (acesso dia: 30/10/2018).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Positivo, 2018.

BÍBLIA Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

FERRAZ, Salma. **Os marginais na bíblia: Lúcifer e Madalena.** In: Revista Estação Literária, v. 12, p. 143-164, jan. 2014, disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL12-Art8.pdf> (acesso dia: 30/10/2018).

KUSCHEL, Karl-Josef. **Os escritores e as escrituras: Retratos Teológicos Literários.** Tradução: Paulo Astor Soethe et al. 1ª edição. São Paulo: Loyola, 1999.

LELOUP, Jean-Yves. **O romance de Maria Madalena – uma mulher incomparável.** Tradução: Martha Gouveia da Cruz. 1ª edição. Campinas: Verus, 2004.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão.** 1ª edição. Bauru: Edusc, 2000.

MORO, Fernanda de Camargo. **Arqueología de Madalena.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RILKE, Rainer Maria. **O amor de Madalena.** Tradução: Renata Maria Parreira Cordeiro. 1ª edição. São Paulo: Landy, 2000.